

Filosofia Pop – 17 Cornel West¹

Tempo: 50'03''

Murilo Ferraz Franco e Marcos Carvalho Lopes

Murilo: Olá, esse é o podcast Filosofia Pop, eu sou Murilo Ferraz e aqui comigo está o Marcos Carvalho Lopes, esse é o nosso episódio número de 17 e hoje falamos sobre o filósofo norte-americano Cornel West. Esse é o último episódio da temporada 2015. Nós vamos fazer uma pausa de fim de ano e vamos voltar no dia 25 de janeiro com um novo episódio. Se você não conhece ainda o nosso site pode visitar o www.filosofiapop.com.br e deixar o seu comentário. Tem sempre algum texto complementar lá no site. Siga a gente no Twitter, curta a página no Facebook ou envie e-mail pra contato@filosofia.com.br. No Filosofia Pop, a gente pretende conversar sobre temas filosóficos numa linguagem acessível. A ideia é usar também referências culturais como filmes, músicas ou programa de TV pra mostrar alguns conceitos e dialogar com as coisas mais próximas da gente. A cada 15 dias, sempre às segundas-feiras, a gente vai estar aqui pra continuar essa conversa com vocês. Vamos então pra nossa sobre Cornel West.

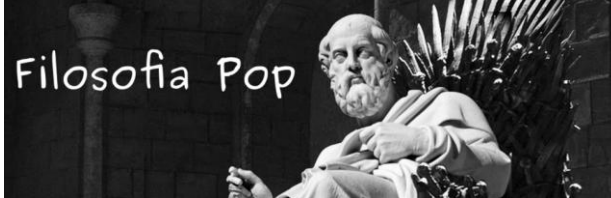
(música)

Murilo: Hoje, nós estamos aqui só eu e o Marcos, a gente vai falar hoje sobre o filósofo Cornel West. E perguntar pra Marcos que é o Cornel West.

Marcos: O Cornel West é uma figura muito importante no cenário cultural americano, uma figura da esquerda, um filósofo de esquerda, ele é um filósofo negro, talvez o mais representativo. O mais próximo dele seria o Molefi Asante², mas eu acho que ele [Cornel West] tem uma abrangência maior. Tanto que um intelectual de direita foi fazer um livro dos 100 professores mais perigosos da academia americana, aqueles professores que doutrinavam pra esquerda, doutrinadores de esquerda, os ideólogos. Ai eu fui lá pra ver o que ele falava do Cornel West. Não tinha o nome do Cornel West entre as 100 personalidades, tinha um capítulo especial separado. O único que mereceu tratamento

¹ Essa é uma transcrição (sem revisão de conteúdo ou de vícios de fala) do primeiro episódio do podcast filosofia pop (filosofiapop.com.br). O bate papo foi realizado em novembro de 2015.

² Henry Lous Gates Jr, Michael Eric Dyson e Lewis Gordon tem mais ou tanto prestígio nos EUA quanto Molefi Asante. Contudo, no Brasil a proposta de afrocentricidade de Asante tem tido uma recepção favorável e pouco crítica.



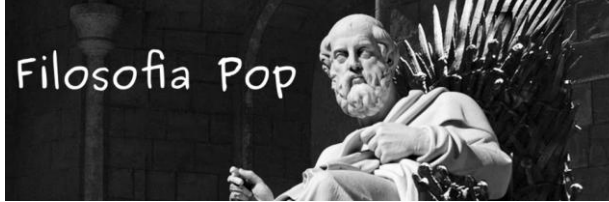
diferenciado, separado entre esses perigosos intelectuais de esquerda. Então o Cornel West é um filósofo, um teólogo. Apesar dessa descrição dele como um cara que é controverso, com certeza, mas ele passou pelas principais... trabalhou nas principais universidades americanas, trabalhou em Princeton, trabalhou Harvard. Então tem toda a qualificação necessária pra ser reconhecido num debate como uma figura relevante, séria. Mas na medida que ele se torna um intelectual público mais e mais ele vai ser criticado pela academia. Então ele é uma figura que é difícil qualificá-lo, né? É difícil você ter posições em relação a ele que não sejam amar e odiar.

Murilo: Mas o que ele tem de tão perigoso?

Marcos: Ah, eu acho o que ele tem de tão perigoso, primeiro: ele é um negro, ele é um intelectual negro que corporifica a personalidade, ele traz nas marcas de expressão, no jeito de falar essa dimensão de uma cultura negra, ele não abre mão disso. Então toda vez que você vê o Cornel West falando você vê no gestual dele muito daquele daquilo que você veria numa igreja, até porque ele tem a formação teológica, como se fosse um pastor pregando, né, em todo gestual. Mas à parte isso, o Cornel West é um cara muito inteligente. Então o Cornel West desde muito pequeno ele foi considerado já um superdotado e teve um caminho especial de educação, em que ele sempre ganhou os melhores prêmios. Quando ele terminou o ensino básico ele ganhou um prêmio de melhor... a medalha de mérito dos Estados Unidos, o primeiro lugar. Então essa capacidade dele é inegável. E você ter um grande intelectual que não abre mão das causas sociais e que não abre mão da personalidade, de se afirmar negro e ter essa perspectiva diferenciada politicamente, eu acho que isso é, por si só, perigoso, em relação ao estabelecimento, um estabelecimento acadêmico, que mesmo... Se no Brasil, a gente tem só 2% dos professores negros, nos Estados Unidos o quadro não é tão diferente, a hegemonia ainda é do branqueamento e de padrões eurocêntricos de pensamentos.

Murilo: Quais são os principais componentes do pensamento dele? Como é estruturado? Sobre o que ele fala?

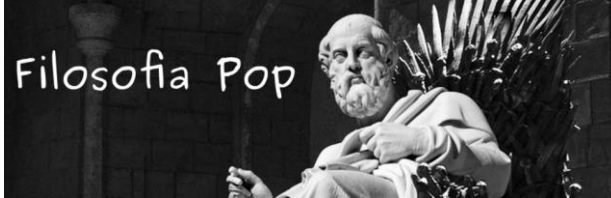
Marcos: O Cornel West, ele não é só filósofo, ele é teólogo. Ele não separa essas duas coisas porque, pra ele, a formação cultural dele tem muito da comunidade negra e na comunidade negra norte-americana a Igreja é um fator muito importante na formação cultural. Dentro do pensamento dele ele destaca alguns elementos que seriam primordiais dentro da concepção dele de filosofia. O Cornel West, geralmente, destaca 3 elementos do pensamento dele. Se você compreender esses 3 elementos básicos, você vai entender bastante do pensamento dele. O primeiro elemento é um compromisso socrático. Então ele quer retomar a figura de Sócrates no sentido de manter o questionamento constante na busca da verdade, manter a capacidade de dizer a verdade, de falar francamente sobre os assuntos, de debater isso publicamente. Então esse pensamento socrático é uma busca de integridade moral, uma busca de autocriação, de buscar conhecer a si mesmo. E esse seria o primeiro elemento da Filosofia do Cornel West, vamos dizer, da perspectiva do Cornel West. Além do compromisso socrático, o Cornel West fala de uma perspectiva profética. Ai você já vê nessa ideia de perspectiva profética um pouco da posição dele como teólogo. Ele não vai abrir mão da ideia de amor cristão, ele não vai abrir mão da ideia que você tem que superar as circunstâncias, ir pra além das suas lealdades mais triviais e ter esse



compromisso de transformar o mundo. Essa ideia de uma profecia, de trazer um sentido de futuro é algo que o Cornel West não abre mão. Isso é muito interessante quando você pensa que a Filosofia, geralmente, ela é negativa, né? Ela fica presa, muitas vezes, ao discurso negativo em que não há abertura pra transformação social. Você destaca muito as suas amarras, aquilo que te prende, e você não tem abertura pra transformação. Esse compromisso profético traz essa ideia que você tem que buscar caminhos pra que seja promovida uma transformação social. Ai é interessante levar em conta que o compromisso profético do Cornel West tem muito de uma perspectiva de Teologia da libertação, né? Ele até esteve no Brasil participando só Seminário da Teologia da Libertação. Então a ideia de que Cristo, pra ele, é um grande revolucionário social e se você não trata, se você não está pensando nos pobres, em diminuir a pobreza do mundo você não está sendo cristão. Então a militância no sentido de transformar a realidade, faz parte desse compromisso profético, não é uma coisa de você, simplesmente, fazer a sua celebração religiosa descontextualizada do mundo não. O compromisso dele está em transformar esse mundo que a gente vive e trazer uma contribuição nesse sentido. Além dessa perspectiva profética se soma ao compromisso socrático, você tem uma percepção, ele chama de percepção tragicômica. Esse terceiro elemento seria a capacidade de mesmo sabendo que você não vai conseguir transformar o mundo, mesmo sabendo que tudo caminha, talvez, numa direção negativa, você tem a capacidade de rir de si mesmo e de continuar seu trabalho. É como se você pensasse na tarefa de Sísifo na mitologia grega, que Sísifo foi condenado a rolar uma pedra eternamente até o topo de uma montanha e toda vez que ele chega perto de conseguir isso a pedra rola novamente pro início, e você percebesse que essa tarefa contínua que ele tem que fazer como uma punição, pode ser pensada de forma alegre, você rir do infortúnio, você não se render a esses problemas. Essa percepção tragicômica, o Cornel West exemplifica como a capacidade que a comunidade negra, que os negros tiveram e sempre têm, não é só nos Estados Unidos, de transformar o sofrimento em formas artísticas. Por exemplo, você pensar no jazz, no blues, no samba, muito da dor e da opressão social é transformada em outra coisa. Tem um exemplo que ele dá que eu acho que é bem interessante, que ele chegou em um velório e a dor que ele estava sentindo não seria possível passar em palavras, ai cantando ele conseguiria fazer isso. Então essa capacidade de não ser paralisado pela dor, não ser paralisado pelos problemas.

Murilo: Você está falando da música, ele também já gravou um CD de hip hop também, né?

Marcos: O Cornel West, quando ele fala dessa perspectiva profética, isso leva ele a sair da academia, ele acha que não faz sentido ficar preso à academia, faz parte do projeto dele essa aproximação da juventude, aproximar-se dos jovens e contribuir pra que eles possam ter acesso a um tipo de questionamento, de conhecimento mais qualificado. Pra o Cornel West a transformação da música, com o passar do tempo, cria novas possibilidades de tradução da comunidade negra. Então ele vê, por exemplo, o hip hop como uma continuidade em relação ao jazz, em relação ao rhythm and blues. Então o hip hop é uma possibilidade de você também pensar o universo negro. Nos Estados Unidos isso era muito claro, no Brasil também, essa ligação entre o hip hop e o universo negro. Então ele se apropriou disso. Ele gravou um CD de hip hop, fez as músicas dele junto com vários artistas de renome. O filho dele também é compositor de hip hop, teve a participação no CD de Prince e outros nomes interessantes do cenário hip hop. E esse CD dele acabou sendo uma espécie de heresia acadêmica. Como é um professor de Harvard vai gravar um



CD de hip hop? O que ele queria com isso? Então isso acabou sendo algo que trouxe problemas pra ele.

Murilo: E você sabe mais ou menos do que é o conteúdo das músicas dele lá ou você não parou pra ver isso?

Marcos: Não, as letras também são proféticas, você tem várias letras dedicadas a George W. Bush criticando a fascismo que via dentro dos Estados Unidos, a ascensão de um imperialismo na intervenção no Iraque. O grande alvo, o grande inimigo dele nesse álbum talvez fosse o Bush, mas o grande objetivo seria retomar ou tentar reavivar valores democráticos, tentar tocar os jovens e repensar valores democráticos. Em uma das canções que não é bem uma canção tem toda uma discussão sobre a palavra *nigger*.

(música de Cornel West)

Marcos: Ele reproduz toda a discussão sobre a aplicação ou não, o uso ou não da palavra *nigger*, mas as letras do Cornel West acabem sendo bem... não são bem cantadas, são mais recitadas, um discurso de pregação quase. Mas acho que mais importante do que o CD dele seja essa entrada no universo da música. E o diálogo que acaba acontecendo entre ele e outros grupos, por exemplo, o Strokes tem uma música que ele vai citando assim: " ah, e o que o Cornel West pensaria sobre isso?"

(música de Strokes – Life Is Simple In The Moonlight)

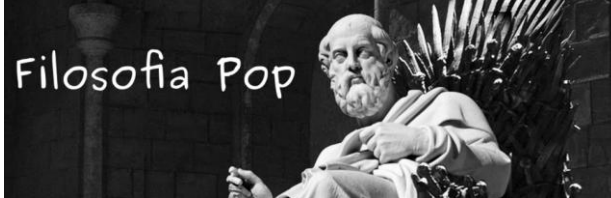
*Animals on TV singing about some pain that they felt
There's no one I disapprove of or root look for than myself
I wanted to pretend that it was better, better, better on the phone
I didn't wanna tell you I was jealous, jealous, jealous and alone*

*So we talk about ourselves and how to forget the love we never felt
All the old jokes that work so well
Universal truth was a moment's lie*

*Don't try stop us
Don't try stop us
Don't try stop us
Get out of the way*

*Got to get to climb in the light of the living ghost I see
She sees her father in that old man's eyes white secretly he stares at her thighs
Animals on TV singing about some they may felt at some point
I didn't wanna tell you I was jealous, jealous, jealous... what's the point?*

*As I watched the velvet drops appear
And the door was close for 40 years
As we hid what we don't wanna hear
As we hide what's really in our ears*



*He is coming from a part of hell
Where lightning blue eyes don't go down well
He can tell that we're oblivious
It's addiction of routine as well*

*Making fools out of the best of us
Making robots of the rest of us
Innocence itself in America today
Is a crime just like Cornel West might say*

*Don't try stop us
Don't try stop us
Don't try stop us
Get out of the way*

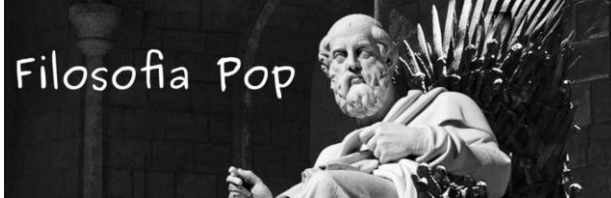
Marcos: Então o Cornel West virou uma figura emblemática de resistência dentro dos Estados Unidos. Então sempre citam ele e sempre têm ele como referência.

Murilo: Engraçado que parece que nos Estados Unidos ele é muito conhecido e eu acho aqui no Brasil ele não tão conhecido assim, né?

Marcos: É, no Brasil ele teve só dois livros traduzidos e há muito tempo, na década de 90. O primeiro o **Questão de Raça**, foi traduzido pela Companhia das Letras, mas hoje está esgotado, é muito difícil de achar ele até em sebos. E foi traduzido quase na mesma época foi produzido nos Estados Unidos. E esse livro é um best seller, vende demais nos Estados Unidos, continua vendendo até hoje. Ainda hoje o pessoal lembra do Cornel West por conta desse livro nos Estados Unidos. Depois, eles lançaram um livro dele aqui no Brasil em que ele escreveu junto com Roberto Mangabeira Unger [o livro se chama **O futuro do progressismo americano**]. O Mangabeira Unger e ele têm uma parceria e têm um trabalho em comum. E, no Brasil, como o Mangabeira Unger, muitas vezes, não é levado a sério, e aqui o Brasil quem tentou trazer o Cornel West, muitas vezes, pra debater com a comunidade brasileira foi o Mangabeira Unger, o Cornel West não teve esse acesso, até porque a comunidade negra brasileira, muitas vezes, prefere buscar o seu próprio discurso e não reproduzir o discurso dos norte-americanos, né? Que há problemas específicos e eles, muitas vezes, acham que uma voz de fora não pode resolver os problemas daqui e não teria grande relevância nas questões brasileiras. Então o Cornel West não tem uma grande penetração nem na Academia brasileira, nem como figura pública. Ele já veio aqui no Brasil algumas vezes, mas não tem uma repercussão muito grande.

Murilo: Antes de gravar esse CD ele também participou como consultor, eu acho, dos filmes do Matrix. Como é que foi? Você sabe como foi essa participação dele, qual era o papel dele?

Marcos: Olha, ele não participou só como consultor, ele participou como personagem nos filmes... no segundo e no terceiro filme da série Matrix. Mas se você pegar o primeiro filme Matrix já tem ali referências ao pensamento do Cornel West. Então os irmãos... como é que é o nome dos irmãos?

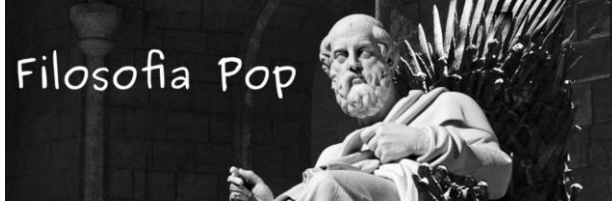


Murilo: Irmãos Wachowki.

Marcos: É, eu não vou pronunciar isso não. Eles já tinham Cornel West como referência, então se você pegar a história da produção do filme inicialmente era pra ser Will Smith o ator principal. E o Will Smith não aceitou, depois achou o filme muito complicado. Ai eles colocaram o Keanu Reeves, mas o Keanu Reeves... a gente não devia identificar imediatamente o Keanu Reeves como um branco porque ele tem uma formação multiétnica. Mas isso deveria ser não tão relevante assim, mas em termos de narrativa é interessante. Se você olhar dentro da Matrix no primeiro filme você já tem essa ideia de que os libertos, aquelas pessoas que já se libertaram de Matrix, nasceram livres, são negros. E o Morpheus que é quem vai libertar o Neo, personagem do Keanu Reeves, que é o personagem principal, esse líder é um líder negro. E pro outro lado, os agentes da Matrix são homens brancos. Então você tem essa ideia que você também pode pensar o filme a partir de um viés racial. E o filme foi concebido tendo essa ideia. Tem uma cena interessante que o Morpheus está acorrentado e o Neo fala pra ele se libertar e ele arrebenta a corrente por ele mesmo, não foi alguém que o libertou, ele se libertou sozinho. Essa imagem da quebra da corrente é bem emblemática e remete a outras imagens. Mas desde o primeiro filme do Matrix, você poderia fazer uma leitura que ligava o filme à ideia do Cornel West de Conversão psíquica. O que é isso? O Cornel West, ele trata da ideia das questões raciais a partir da necessidade de que o negro se pense como negro, que ele saia dos esquemas de dominações brancos e possa se pensar a si mesmo e se valorizar. Ele dá um exemplo assim, que por mais que o Michael Jackson tivesse certo em querer ser valorizado como ser humano, as tentativas dele de mudar a sua imagem mostrava que ele ainda era governado por uma perspectiva branca. Essa conversão psíquica é o maior desafio que o Cornel West percebe, superar todo um esquema de limitação, todo um aprisionamento mental que existe em relação às questões raciais.

Murilo: Isso ai já vê como que o Cornel West aborda a questão racial como um todo, né?

Marcos: Dentro da perspectiva da questão racial, a gente vai ter alguns passos nessa abordagem dele sobre a questão racial. Mas ai, só que gente fechar o negócio do Matrix, assim, quando você observa o filme Matrix talvez você encontre lá todos os elementos que eu falei antes: uma perspectiva socrática em dizer a verdade, o Morpheus, no segundo filme, parece que mesmo quando a cidade está sendo atacada ele vai dizer pra todo mundo que vai estar sendo atacada mesmo. A perspectiva profética você não precisa dizer. Essa percepção tragicômica, essa esperança tragicômica, talvez também nesse momento em que eles são avisados que vão ser destruídos eles saem e fazem uma festa transformando a dor em outra coisa. O Cornel West participa do segundo e do terceiro filme como o conselheiro West, ele está lá dentro do Conselho da Matrix e ele só tem uma fala, uma ou duas falas, poucas falas dentro do filme, mas a que ficou famosa foi uma fala dele assim: "a compreensão não é um pré-requisito pra cooperação." (reproduz a fala) Traduzindo: "o entendimento não é um requisito pra cooperação." E virou camiseta nos Estados Unidos. O que pode significar isso? Como é que a gente traduz isso, né? Você não precisa ter todo o conhecimento do que vai acontecer pra cooperar em uma causa. Você age de acordo com aquilo que você tem fé, naquilo que você acredita. E muitas vezes, a tentativa de bloquear a ação pedindo pré-requisitos teóricos é um forma de deixar as coisas como estão. Essa frase me parece bem também, a gente pode vinculá-la, por



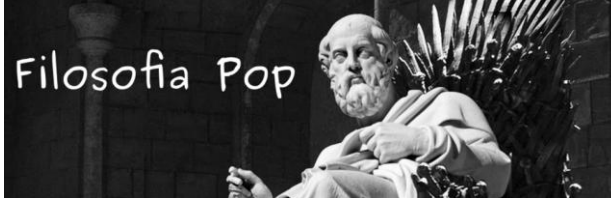
exemplo, ao William James, que é um pensador pragmatista que influencia também o Cornel West ou a Kierkegaard. Nem tudo pode ser racionalizado, nem tudo pode ser explicado a partir da razão. Dentro da história do filme a missão que o conselheiro West estava propondo era uma missão suicida, era uma missão que, talvez, não tivesse êxito, mas racionalmente as pessoas não seguiriam naquela missão, tinha tudo pra dar errado, mas você tem que ter o direito de tentar. E muitas vezes a racionalidade diz pra você não fazer. Então, tipo, você pode falar: “mas essa perspectiva do Cornel West profética ela não vai dar em nada, ela não vai conseguir mudar o mundo. Ele vai falar que ele tentou.

Murilo: E também parece que fica uma coisa muito... como todo Messianismo, como toda coisa profética fica uma coisa como uma verdade que aquela pessoa parece ter e que não é acessível pros outros, é uma verdade que a pessoa quer passar.

Marcos: É, se você se aproxima dos textos do Cornel West e da postura dele, essa perspectiva profética acaba sendo um grande problema, porque se você quer ser um teórico e não quer ser profético é complicado porque dentro da Academia e dentro das nossas perspectivas teóricas, como lidar com esse tom profético, né? Isso é muito de Kierkegaard de novo nisso daí, porque tem uma diferença que eles fazem na Teologia entre ser cristão ou ser crístico, tentar imitar Cristo. O Cornel West tem muito disso, de não só querer ser cristão, mas tentar imitar cristo e sair pra sociedade pregando a verdade, trazendo a verdade. Então tem algo aí que é problemático. Nesse sentido, a gente entende porque ele é amigo do Mangabeira Unger, né? Os dois têm essa perspectiva profética que, muitas vezes, propõe coisas que são absurdas. Pra pessoas que estão pensando no sendo de realidade cotidiano parecem propostas que não são muito viáveis. Nesse ponto, Mangabeira Unger acaba sendo... vamos dizer, estruturalmente, Mangabeira Unger faz propostas mais longínquas que Cornel West. O Cornel West tem causas mais precisas e problemas mais específicos pra lidar. E tem uma curiosidade que eu acho interessante que o Cornel West, ele foi aluno do Richard Rorty e o Rorty, ele influenciou muitas... muitas pessoas foram influenciadas pelo Rorty, para criticar a Filosofia presa à Academia, pra criticar o pensamento preso ao espaço interno da universidade, e a partir dessa leitura de Rorty vários autores saíram pra transformar a sociedade. E isso é curioso que o próprio Rorty falava: “não, eu não quero ser profeta, eu quero ser professor.” São coisas distintas. O Rorty queria se restringir ao espaço da Academia. Ele achava que é um anacronismo você tentar ser um intelectual, como havia intelectuais na década de 30, que personificavam a nação. O Rorty achava que não tinha espaço pra isso e o Cornel West não, o Cornel West achava que a gente não poderia abrir mão desse papel de personificar uma nação, de ser uma voz num debate público, mas o Rorty achava: “não, você não tem uma verdade a mais em relação às outras pessoas, você não tem esse papel.” É uma espécie de diferença entre a perspectiva profética dele e a perspectiva do Rorty.

Murilo: É, porque eu Rorty falava muito contra essa ideia de você ter uma... como se o filósofo tivesse um acesso especial, uma verdade e aí ficasse como um pastor mesmo, ou como um clérigo, um filósofo como um clérigo. E assim, você falando que ele tem muita influência do Rorty parece até contraditório falar isso.

Marcos: Ele tem bastante influência do Rorty, só que a influência dele da Teologia é mais forte. (risos)



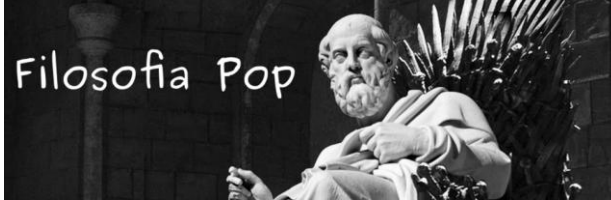
Marcos: Então ele não deixa de ser um batista, ele é um pastor batista. Mas aí você tem que pensar que, por exemplo, na Igreja dele uma porta separava os panteras negras da Igreja Batista. Então você tem uma perspectiva prática da luta pelos movimentos civis, uma perspectiva que partia pro embate, né? E ele se ligava a essa perspectiva, mas também uma perspectiva religiosa que se vincula. Pro Cornel West há uma tensão dentro do pensamento norte-americano entre o individualismo criativo que os americanos valorizam muito, os norte-americanos valorizam muito a ideia do indivíduo genial, o indivíduo criativo, e, por outro lado, o sentido de comunidade, o sentido de sociedade. Pro Cornel West, os autores vão pendulando, um destaca o individualismo, outro destaca o sentido de sociedade. E na avaliação dele o Rorty está no movimento do pêndulo do individualismo e ele vai levar o pêndulo pro outro lado pra valorizar as comunidades. E no caso, ele acha que a grande questão do pensamento norte-americano precisa dar, o pragmatismo precisa lidar com essa questão é retomar à questão racial, retomar essa questão como um problema fundamental da experiência norte-americana, da construção de uma democracia mais ampla. Então quando você se filia a alguém você se filia pra superar essa pessoa. Tem aquela questão de o americano ter muito de você enfrentar o seu antecessor para superá-lo, você absorve o seu antecessor. Aí tem uma curiosidade, curiosidade também que passa batida, e aí eu vou falar do Rorty. O avô do Rorty era um pastor protestante que foi o proponente da ideia de Teologia social, Walter Rauschenbusch. Ele que propôs a ideia de que você não poderia separar a luta social, uma luta socialista no sentido não marxista, de minoria social, do pensamento, do trabalho religioso. Então o Rauschenbusch influenciou muita gente, influenciou Luther King, influenciou a Teologia da Libertação. E o Rorty tinha essa herança, era o avô dele. É como se o Cornel West quisesse recuperar até a herança do avô do Rorty.

(risos)

Marcos: E o Cornel West tem textos sobre isso também. Então é curioso isso. Um elemento que une o Rorty e o Cornel West é a crença na democracia norte-americana, mas a crença na criação de uma democracia norte-americana, né? Na profecia de uma democracia norte-americana, algo que deveria ser fruto do trabalho, fruto do desenvolvimento e responsabilidade deles enquanto cidadãos também. Tem muito elementos em comum. A filiação tem esses problemas, o complexo de Édipo é muito duro.

Murilo: Falando do Cornel West sempre fala da questão racial. Como é que era a abordagem dele dessa questão? Como é que é?

Marcos: Talvez o conceito, um conceito chave pra isso seja de conversão psíquica. Mas aí o Cornel West tem uma coisa bem interessante num livro dele *Questão de Raça* que é espécie de dialética que ele cria entre três grandes pensadores norte-americanos sobre a questão racial. Primeiro a gente pode falar do Du Bois, o Du Bois é um pragmatista, ele foi aluno do William James do final do século XIX, começo do século XX. E o Du Bois é um sociólogo muito criativo, é um sociólogo que misturou métodos de outras áreas pra estudar Sociologia. Ele deveria ser considerado, existe embasamento pra considerá-lo junto com Weber, Durkheim, Marx, como um dos grandes nomes da Sociologia [Clássica]. Esse reconhecimento está acontecendo ainda. Mas vamos lá, o Du Bois, ele tem um conceito que o Cornel West vai utilizar que é o conceito de dupla consciência. O Du Bois foi criado dentro de um meio branco e de repente ele se percebe não como parte daquele meio branco, ele se percebe como negro. Mas ele se percebe como negro tendo uma cultura

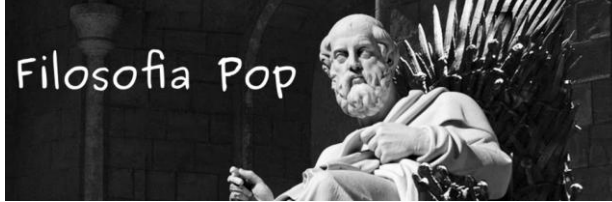


embranquecida, europeia, ele se percebe um negro fora da África. Então o Cornel West trabalha com a ideia de dupla consciência, é como se ele ficasse preso a uma dupla consciência: ele é americano, mas ele é negro. O Du Bois ainda era alguém que acreditava na América, ele queria construir uma democracia com essa dupla consciência. Diferente, por exemplo, do Marcus Garvey que pregava, defendia que os negros deveriam todos voltar pra África.³ Essa ideia de construir a América não fazia muito sentido pro Marcus Garvey. E depois, você pega primeiro essa ideia da dupla consciência do Du Bois, aí o Cornel West pega o Malcolm X, o Malcolm X, de certa forma, ele continua o pensamento do Garvey que eu citei pra você, a ideia de separar os negros. Só que o Malcolm X, ele vai atacar, fortemente, essa ideia de dupla consciência, ele vai criar uma imagem que é a imagem do negro da casa grande, e vai opor a diferença entre o negro da casa grande e o negro do campo. O negro da casa grande, ele tem essa dupla consciência, agora, aquele outro que não faz parte da casa grande, ele não tem essa dupla consciência, né? O filme Django brinca muito com isso, com essa ideia do negro da casa grande. Aquele personagem Samuel L. Jackson, eu acho, ele representa, justamente, esse negro da casa grande que tem a lealdade dividida e no final das contas ele é leal à casa grande. Então o Malcolm X, ele cria essa ideia de conversão psíquica, você tem que se converter negro e trazer essa ira negra, aproveitar essa ira negra pra se transformar. Só que o Malcolm X não tinha uma direção muito clara pra essa transformação, ele não acreditava na democracia de forma nenhuma. A percepção dele como muçulmano é que a cultura norte-americana era uma cultura degenerada. Então ele queria transformar, criar, uma nação muçulmana, a ideia de voltar pra África dele era relevante. O Cornel West se apropria então da ideia de conversão psíquica e dessa capacidade do Malcolm X de mobilizar as pessoas. O Malcolm X vai ter muito mais seguidores do que pessoas que ele conseguiu converter ao Islamismo. Muito mais gente vai seguir o Malcolm X pelo discurso dele em relação à questão racial do que pela questão islâmica especificamente. Aí vem o terceiro passo, o terceiro elemento seria tentar uma síntese a partir desses elementos que é a ideia do Cornel West de buscar o Martin Luther King e promover uma revolução através de uma perspectiva que mantenha a fé no outro. A ideia de amor cristão aí retomada no discurso do Luther King de superar as contradições, de reconhecer as contradições mas superá-las. Essa esperança democrática, o Cornel West não quer abrir mão. Então ele acha que seria necessário um outro passo pra além do Malcolm X. Esse outro passo, ele tenta dar, ele tenta dar esse outro passo partindo do Luther King. Essa ideia de uma dialética entre essas três posições acaba sendo uma espécie de evolução porque você sai de uma perspectiva que é democrática, mas fica presa a dupla consciência, você parte pra outra perspectiva onde você tem essa conversão psíquica, mas a ira negra é canalizada de uma forma, talvez, destrutiva e você tenta, agora, trazer essa ira negra, trazer essa autoconsciência negra pra um projeto construtivo, um projeto democrático. Pra muitas pessoas esse último passo seria desnecessário.

Murilo: Acho que aí também... dá pra ligar muito isso aí de como foi a atuação de Cornel West nas manifestações lá de Ferguson, né?

Marcos: É, nessa manifestação de Ferguson o Cornel West chegou... ele participou de várias passeatas, mas uma especial ficou muito emblemática porque no sábado antes da

³ Garvey não dizia que todos os negros deveriam voltar para à África: acreditava que os melhores, aqueles que teria algo para contribuir deveriam fazê-lo. Quem não servia para a América também não serviria para a África. Essa correção foi feita pelo professor Pedro Acosta-Leyva.

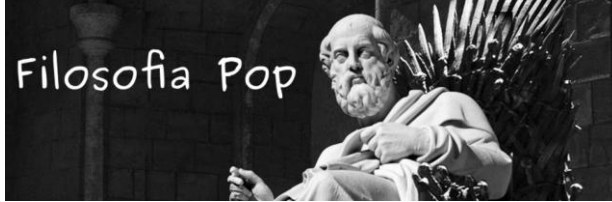


passeata que estava marcada, me parece pro domingo, houve um seminário, um bate-papo. E nesse bate-papo muitas lideranças religiosas estavam presentes. Essas lideranças tomavam o microfone pra falar e ele era um desses que estava lá pra falar. E no meio desses discursos das lideranças religiosas um *rapper* levantou e falou: “olha, esse discurso de vocês está cansado porque vocês falam, falam, falam e amanhã na hora de ir pra passeatas vocês não vão participar. Então esse discurso de pregar a paz e pregar uma perspectiva religiosa não tá com nada. Nós estamos aqui pra fazer as coisas acontecerem, né?” E o curioso é que o Cornel West concordou com essa avaliação. Ele disse que a maioria dos negros norte-americanos perdeu a perspectiva de questionamento, se acomodaram, conquistaram posição social e estão pensando como aqueles que eles criticavam antes. O Cornel West fala que a palavra *nigger* é muito depreciativa nos Estados Unidos, quando você fala a palavra *nigger* você fala de tratar alguém como objeto. É como se os negros estivessem voltando a uma perspectiva onde eles assumem a posição de *nigger*. Essa é uma crítica muito pesada do Cornel West em relação ao movimento negro norte-americano. E aí ele comentou que, realmente, era preciso que as pessoas fossem pra rua pra participar das manifestações, e que ele foi pra manifestação aquele dia não pra discursar, ele estava ali pra ser preso, ele foi lá pra participar da manifestação efetivamente. E no dia seguinte ele estava junto da manifestação. É curioso também assim: onde que eles vão se manifestar? Na frente do supermercado, na frente do Walmart. Então é o maior supermercado, Vamos lá manifestar! E o Cornel West foi, realmente, preso, mas essa frase dele: “eu não vim aqui pra falar, eu vim aqui pra ser preso” aí você tem essa perspectiva socrática, você tem essa perspectiva, o lado profético dele. Eu acho que também é tragicômico porque você ter a certeza de que você vai participar de uma manifestação em que você, como negro, por ser negro, vai acabar por ser preso e continuar acreditando nessa luta. Porque Cornel West foi muitas vezes preso. Não é novidade. É normal o quadro. E ele tem mais de 60 anos e ele continua participando dessas manifestações de rua e continua mantendo essa perspectiva de que é necessário. Acaba sendo algo que nem aquilo que a gente falou antes, de um profeta que quer dar exemplo.

Murilo: Eu tenho até fotos aqui dele sendo preso, vou colocar depois no post.

Marcos: Tem. Isso gerou muita repercussão essa prisão dele, até pelo discurso e aquilo que veio antes. Mas, hoje, a questão racial nos Estados Unidos, ela está muito presente e o Cornel West que era... ele tinha sofrido uma espécie de bloqueio depois da eleição do Obama, porque Cornel West foi um dos caras que lutou pra que o Obama fosse eleito na primeira eleição e depois se decepcionou demais com que o Obama fez. Ele falou que ele... ele começa a criticar o Obama, fala que o Obama tem um governo de drones, que é um presidente *blackface*, um Rockefeller na verdade, que o compromisso dele é com os banqueiros etc, etc. Ele preferia, muito mais, que tivesse um governante branco que pensasse nos pobres do que um negro que fizesse o que Obama fez. Então o Cornel West acabou sendo um pouco vítima dessa campanha dele. Ele apoiou algum candidato nessas profecias dele e agora, nesse momento, se você olhar ele está reaparecendo na mídia, buscando novos discursos, continua trabalhando nessa proposta profética dele.

Murilo: Acho que já cobriu o que a gente tinha colocado como pauta aqui. Você tem alguma coisa mais pra acrescentar do Cornel West? Falar mais alguma coisa pra gente finalizar e partir pras indicações?



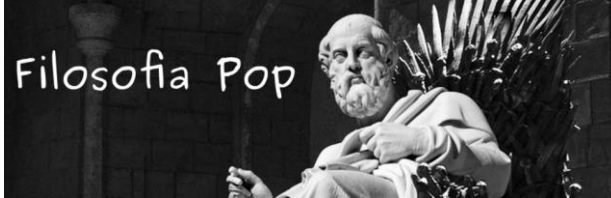
Marcos: Eu acho que é uma coisa que é interessante a gente fazer a ligação entre o Cornel West e a ideia do podcast também, né? Ai o Cornel West, ele propõe uma perspectiva de uma Paideia democrática. Paideia em grego é educação. Então você fala de uma educação profunda, de uma educação que leve à formação do homem, uma formação mais integral do ser humano. E o Cornel West, ele defende a construção de uma educação mais democrática. Essa educação mais democrática, ela não tem que ser uma educação, vamos dizer assim,... O Cornel West defende uma perspectiva em que a educação pode trazer prazer sim, você não precisa separar a educação e aquelas coisas que são consideradas prazerosas. Essa educação democrática tem que partir do contexto dos jovens e daquilo que os jovens valorizam. É necessário que a gente se aproxime da juventude a partir daquilo que os jovens consideram importante na sua autoconstrução, na sua identidade. Então a música é importante, os filmes são importantes, esses meios da Internet são importantes. E ai o Cornel West, em termos teóricos, ele está trazendo John Dewey na ideia de educação contextualizada, junto com Gramsci e junto com Paulo Freire. Ele fala muito do Paulo Freire como inspiração dele pra essa perspectiva mais democrática de educação. Uma educação em você procure dar raízes, você procure religar as pessoas também. Ai o sentido religioso também aparece. A construção desta Paideia democrática, de uma educação que, realmente, possa atingir as pessoas de forma mais efetiva acaba sendo um desafio. A gente não sabe como é possível fazer isso. Mas eu imagino que o podcast que a gente está desenvolvendo pode ser pensado a partir desse conceito, dessa ideia de uma educação, ou de uma tentativa também de educação democrática. Eu só não acho que a perspectiva profética nos caiba.

(risos)

Marcos: Eu prefiro deixar isso de fora do jogo.

Murilo: É, mas acaba que não cabe, mas acaba acontecendo como aconteceu com o Rorty, de você não ter essa intenção, mas acaba que no final pode acontecer de ter seguidores involuntários, uma coisa assim.

Marcos: É, esse risco é o risco de você também não saber... é muito difícil você orientar alguém dando liberdade pra que a pessoa seja ela mesma, pra que ela não seja uma cópia de você. Então esse jogo de você se apropriar do outro pra ganhar força, essa antropofagia que a gente falou que o Cornel West, de certa forma, se apropriou daquilo que ele achava interessante no Rorty, acho que a gente tem que fazer a mesma coisa com o Cornel West, sem... não ser engolido por ele. E ai você vai ver o que é interessante no Cornel West no Brasil, no que o Cornel West pode ser interessante pra pensar o Brasil, no que essa perspectiva religiosa... A gente sempre faz discursos colocando a perspectiva religiosa fora da esfera pública, como se ele não fizesse parte do debate público. Parece ser muito difícil, hoje, pensar o futuro da democracia sem levar em conta a construção de perspectivas religiosas que vão pra praça pública com identidades democráticas. Então, talvez, seja interessante pensar como construir uma identidade democrática muçulmana, como construir uma identidade democrática judaica, uma identidade democrática cristã, em que a democracia seja um pano de fundo de tolerância e de autoconstrução. Ai eu não quero deixar de falar de outras religiões também, né? Todas as religiões, talvez, tenham que ser pensadas dentro dessa construção. Nesse sentido, talvez, o Cornel West tenha alguma coisa pra ensinar pra gente, principalmente na América Latina onde as perspectivas



religiosas são tão fortes. Talvez seja impossível, hoje, tirar as religiões da esfera pública. Agora, como a gente vai pensar as religiões na esfera pública talvez um caminho seja esse, de pensá-las a partir de construção de identidades democráticas.

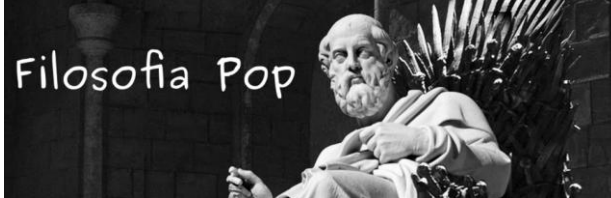
Murilo: Eu acho que já tá legal de papo aqui sobre Cornel West, a gente pode partir pras indicações então.

(música)

Murilo: Então Marcos, você trouxe alguma indicação pra gente hoje?

Marcos: Eu trouxe algumas indicações. Vamos ver: filme, a gente já falou do Matrix, aí você pode falar da trilogia, os três filmes Matrix pode ser matéria de indicação aqui. Aí pra aqueles caras que são muito fanáticos tem uma edição do Matrix, a ultimate collection, uma assim, em que você pode ouvir o filme Matrix um, dois e três com os comentários do Cornel West e o Ken Wilber. Não tem a legenda disso daí, você vai escutar o áudio mas você vai ter todos os comentários de Cornel West sobre o Filme. Então é uma coisa interessante pra quem quer buscar. Mais coisa, você pode procurar o livro Questões de Raça que está em português. Esse livro é difícil de encontrar, como já disse, mas você pode encontrar em sebos. Outra indicação interessante de filme, o filme Malcolm X, ele tem essa reprodução de um diálogo imaginário entre o Malcolm X e um entrevistador. Aí você vai ver que eles construíram esse diálogo a partir da perspectiva do Cornel West, a partir dessa ideia, de uma dialética. É como se o entrevistador fizesse a figura do Du Bois, do intelectual, da dupla consciência, e o Malcolm X desse uma resposta de conversão psíquica nos termos que eu discuti aqui. Então uma indicação seria o filme Malcolm X do Spike Lee e Faça a Coisa Certa também do Spike Lee. Esses dois filmes são bem interessantes. Eu acho que dá pra colocar muitas questões a partir dele. Em relação à músicas, aí a gente pode indicar o próprio CD do Cornel West, você tentar ouvir alguma coisa. Ele gosta muito da música do John Conrane, do... Não, eu não vou saber o nome do cara. Mas se você pegar a música da [gravadora] Motown [records], tudo aquilo lá é o balanço do Cornel West. O Cornel West indica muitas leituras, porque as pessoas geralmente procurar ele pra saber "o que eu preciso ler pra me tornar alguém interessante?" Aí ele indica muitos livros também. Então se você pensar... eu acho que não daria para deixar de indicar Toni Morrison, que é uma escritora norte-americana que ganhou o Nobel. Eu acho que o livro **Amada** da Toni Morrison seria uma boa indicação. E também um ensaísta que você vai encontrar poucas coisas dele em português, vai encontrar muita coisa antiga. Traduziram uns livros dele na década de 60 e não houve impressão, que é o James Baldwin. O James Baldwin, os ensaios dele, especialmente, são muito interessantes. Ele é um romancista, mas os ensaios dele são muito interessantes. Além disso, do James Baldwin, o Ralph Ellison tem um livro chamado Homem Invisível também que é indispensável pra pensar a questão racial em qualquer lugar do mundo, esse livro Homem Invisível. Eu acho que está bastante, tem bastante indicação aí.

Murilo: Está bacana. Tem também um filme que eu acho que pode ser interessante pra ver a perspectiva que você falou também que o Cornel West se relaciona muito com o pensamento do Martin Luther King também, tem o filme Selma que foi um dos indicados ao Oscar aí no último Oscar, que conta um pedaço aí da vida do Martin Luther King, de



um dos protestos dele lá em Selma. Bem interessante, o filme também.

Marcos: É, tem uma peça de teatro agora no Lázaro Ramos que ele faz junto com a Taís Araújo, que fala sobre o Martin Luther King também. Eu não sei qual o nome da peça, mas parece ser uma boa pedida também. Tem uma peça aqui de um autor baiano chamada Namíbia, Não! Que foi muito premiada, aí ela já saiu o livro também. Então é outra indicação. Mas pra quem quiser se aproximar do Cornel West também tem um documentário chamado A Vida Examinada, que ele é um dos entrevistados junto com Martha Nussbaum, Zizek. Você encontra... Chizek, o pessoal fala [pronuncia de Zizek]. Você vai encontrar esse documentário na Internet facilmente.

Murilo: Eu acho que tá legal de indicações. A gente já finaliza aqui. Valeu aí, foi bom o papo e até mais. Eu peço pra você que está ouvindo agora comentar no nosso site o Filosofiapop.com.br. A participação de vocês é muito importante, é o que dá forças pra gente continuar o nosso trabalho. Se você quiser pode também mandar um e-mail pra contato@filosofiapop.com.br. Lá no site a gente coloca todas as referências citadas no episódio e também os links pras nossas redes sociais e páginas do Facebook. Se você quiser ajudar a gente compartilhe os episódios com os amigos e avalie a gente no iTunes pra ajudar a subir na classificação deles e trazer novos ouvintes. Esse foi o nosso último episódio na temporada de 2015. A gente vai voltar no dia 25 de janeiro pra começar a temporada de 2016 com muito mais energia. Curta o fim de ano, celebre a vida com aqueles que você ama e aproveite pra ouvir os episódios anteriores e escrever pra gente com suas impressões e sugestões. Boas Festas pra você, um Feliz Ano Novo e nos vemos em 2016.

(música)